

Meaípe vira praia da moda com erros na ocupação

Cláudia Feliz

Distante apenas nove quilômetros de Guarapari, está a praia mais badalada do Verão capixaba: Meaípe. O processo de “descoberta” daquela que é considerada, pela revista **Quatro Rodas**, uma das dez mais bonitas praias do Brasil é, relativamente novo para a grande maioria dos seus frequentadores, tendo se desenvolvido há aproximadamente três anos. Até então, poucos privilegiados desfrutavam de toda a beleza natural do lugar, que já começa a apresentar sinais de saturação, justamente por causa da ocupação desordenada. Prova disso é o rio Meaípe, poluído por dejetos de esgoto doméstico e lançamento de lixo. O rio mantém contato com um trecho da praia e o temor da população nativa, e também dos turistas, é de que esse fato possa vir a comprometer o banho de mar.



Foto de Nestor Muller

Considerada uma das dez praias mais belas do país, Meaípe vive os problemas causados pela falta de infra-estrutura

Água poluída por lixo e esgotos

O preço da beleza de Meaípe está lhe custando caro. Nos últimos anos o bucólico e pacato balneário viu seus terrenos serem ocupados por muitas casas e estabelecimento comerciais. O rio, onde o pescador Gilson Assunção, de 54 anos, costumava nadar, está com a coloração de sua água escurecida, reflexo dos muitos despejos de esgotos domiciliares e do lixo. A região não dispõe de infra-estrutura sanitária e o rio se transformou numa rede de esgotos a céu aberto.

Quem mora ou passa o Verão por ali fica chocado ao ver, na água, dezenas de pequenos peixes, mortos pela poluição. O mau cheiro deixa indignados os que não aceitam a destruição de Meaípe pelo crescimento desordenado. “É um absurdo o que está acontecendo por aqui. A sujeira já está ficando acumulada e quem mora perto do rio sente o cheiro ruim que vem de suas águas”, diz Neide Azevedo, veranista da região há 10 anos.

Já há até quem queira lançar uma espécie de campanha para salvar o balneário. O casal Isabelle e Joaquim Silva, de Vitória, há sete anos veraneia em Meaípe e se diz assustado com o que anda acontecendo por lá. Os dois, advogados, foram até a Prefeitura de Guarapari, nos últimos dias, denunciar a situação do rio e pedir providências. “Infelizmente o condomínio onde a gente mora também lança esgotos diretamente no rio. A Prefeitura tem de obrigar

Um paraíso onde a beleza tem preço

nativa, e também dos turistas, é de que esse fato possa vir a comprometer o banho de mar.

A preocupação com a preservação da natureza é uma característica que marca os amantes de Meaípe, gente que não abre mão do direito de viver, nem que seja apenas durante a temporada de verão, num lugar protegido da destruição. Para o balneário, migraram muitos veranistas que antes frequentavam as praias de Guarapari, numa espécie de fuga de ambientes superlotados.

O corretor de imóveis Homero Jancowski é de São Paulo e “descobriu” Guarapari há 15 anos. Tão logo conheceu Meaípe optou pelo balneário. “Sempre gostei de lugares mais tranquilos, aconchegantes...”, diz ele. Só que hoje, Jancowski percebe que a tranquilidade vem sendo quebrada em Meaípe, transformada em praia da moda. “O lugar está cheio, badalado demais, e já começa a apresentar problemas”, reclama.

Problemas típicos de lugares sem infraestrutura para receber muitas pessoas. O trânsito, por exemplo, fica “uma loucura” nos finais de semana, quando é também evidente o acúmulo de sujeira. A praia, porém, recebe cuidados especiais, segundo conta Jaciel Santos, de 30 anos, funcionário da Prefeitura de Guarapari e um dos encarregados da limpeza. Santos conta que quem suja a areia principalmente com restos de alimentos, são os próprios capixabas, pessoas que vêm em ônibus de excursão. “São os farofeiros”, diz ele. Dependendo da “farofada”, o grupo pode ser convidado a deixar o local.

É que Meaípe não combina com esse tipo de comportamento. Costuma-se dizer que a região é frequentada por gente **in** — embora não exista nada mais **out** do que esse tipo de classificação. Estariam ali as mulheres e os homens mais bonitos da temporada. Gente com dinheiro suficiente para pagar mais caro por comida, bebida e diárias de hotel. A comerciante Jaciléa Nascimento de Souza, e seu marido Ademar, explicam que Meaípe se distingue pelo preço porque esta é a maneira encontrada para selecionar seus turistas. “A gente quer aqui pessoas de melhor poder aquisitivo”, diz a mulher, proprietária de um restaurante e de uma pousada que levam seu nome. Na pousada da Léa, com 32 apartamentos, até a semana passada, suítes para

Um paraíso onde a beleza tem preço

Quem vai a Meaípe não pode deixar de conhecer a Praia dos Padres, um verdadeiro paraíso, que tem água de coloração azulada em meio a muita vegetação. Só que ali, a beleza tem preço. O lixo toma conta do lugar, preferido por quem gosta de passar o dia à beira-mar, em animados churrascos ou saboreando frango com farofa.

A praia tem acesso impedido para veículos, exigindo a descida, a pé, através de um caminho estreito, por um morro. Como a propriedade particular, próxima à estrada de ligação com Guarapari, permite que os carros cheguem mais próximos, netos do proprietário, Claudionor Vieira de Mattos, resolveram permitir a entrada dos veículos, só que mediante cobrança de pedágio. Cada motorista tem de desembolsar NCz\$ 20,00, e há quem questione a cobrança. “As pessoas têm que entender que esse

casal tinham diárias fixadas em NCz\$ 1.700,00.

Há, no entanto, quem no comércio negue que os preços praticados no local sejam deliberadamente altos — ali se come moquecas de camarão e lagosta que chegam a custar mais de NCz\$ 500,00. O proprietário do hotel Gaeta, um três estrelas construído em Meaípe há oito anos, Manoel Duarte de Mattos, contudo, admite que a triagem da clientela é natural. “Para cá vêm os turistas, de classe média alta, e na Praia do Morro, por exemplo, estão os de menor poder aquisitivo”, garante, explicando que a causa está na distância de Meaípe, que exige do visitante deslocamento em carro próprio, embora também exista ônibus na ligação com Guarapari.

Responsabilidade

Mattos é ex-vice-prefeito do município e se admite responsável e até culpado pelo crescimento de Meaípe. “Há 24 anos abri aqui o restaurante Gaeta. Eu já tive uma pequena empresa de turismo e via o quanto os turistas gostavam deste lugar”. Seu hotel é um prédio que destoa da região, e ele mesmo diz que hoje, se pudesse, demoliria para construir outro, de um só pavimento.

Em Meaípe ninguém quer o progresso expresso na construção de prédios altos,

terreno estava cercado. A cerca só foi aberta para que desse passagem para uma casa construída aqui dentro. A área é particular e quem quiser guardar o carro aqui, para ficar mais perto da praia, tem de pagar”, argumenta o encarregado pelo pedágio, Mário Ferreira.

Ubu

Outro paraíso, bem perto de Meaípe, é a Vila de Ubu. Vista do alto é puro bucolismo: Este ano, mais do que nunca, ela foi descoberta principalmente por paulistas, além dos tradicionais mineiros. A proprietária da “Peixada do Garcia”, cuja cozinha é classificada pelo **Guia Quatro Rodas** com uma estrela, Maria da Penha Garcia Ferreirinha, diz que o movimento de vendas tem sido muito bom. A colônia de pesca praticamente não dispõe de casas para aluguel

asfalto nas ruas. “A gente quer manter isso aqui como está, com essa tranquilidade toda”, diz Neusa Albani, assessora da diretoria do hotel Gaeta onde, segundo ela, os hóspedes preferem justamente a ausência de agitação, durante a noite. E tranquilidade é uma marca de Meaípe, onde não há relatos de fatos relacionados com o aumento da criminalidade, tão comuns nos dias de hoje.

“Aqui não há farmácia e cemitério, só morre cedo quem é ruim”, diz, em tom de brincadeira, o pescador José Siqueira Santana, de 34 anos, que, contudo, tem uma reclamação: o transtorno que um grupo de playboys de Vitória anda causando com suas manobras na praia, no comando de **Jet Skys**, uma espécie de moto que anda sobre a água. “Eles se exibem, colocando em risco a vida de crianças, principalmente”, denuncia.

Esse conflito, imposto pelo progresso, também é percebido por Liane Abreu, de Belo Horizonte. Ela também diz que alguns turistas, que passam o verão no lugar, andam se queixando dos adolescentes e suas mobiletes. “Tudo bem, eu também quero preservar essa tranquilidade, mas ninguém pode impedir o progresso”, diz ela.

Sua amiga, Vanja Ribeiro, também mi-

de temporada, e é, muito mais, visitada, durante o dia, por turistas que estão veraneando em Guarapari e nos balneários adjacentes.

Mas essa é uma história que tem tudo para ser radicalmente modificada, brevemente. O local já ganhou um hotel quatro estrelas, o “Pontal de Ubu”, ainda em construção mas já recebendo hóspedes em 36 dos seus 80 apartamentos. Há ali até uma espécie de praia privativa, e os paulistas, brasilienses e cariocas que se encontram no local, pagam diárias que variam de NCz\$ 1.460,00 (apartamento simples, para casal) a NCz\$ 1.820,00 (especial, incluindo café da manhã). Ubu não dispõe de farmácia, delegacia de Polícia e posto de gasolina, mas Maria da Penha Garcia diz que isso não incomoda os turistas. “O hotel está até trazendo artistas, que se hospedam ali, e a vila está se modificando”, diz ela.

neira e frequentadora de Meaípe há 15 verões, admite que o balneário cresceu demais e já começa a pagar o preço desse crescimento. Vendedores ambulantes em excesso na orla, por exemplo. “Antes era bem mais gostoso...”, diz, saudosista. Quem não viveu o passado ainda acha que o lugar é maravilhoso, e até planeja adquirir áreas para incorporação imobiliária, a exemplo do que anuncia o arquiteto carioca Paulo Fonseca. “Sempre vim a Guarapari, mas só descobri Meaípe este ano. Adorei”, revela.

A visão comercial de Fonseca já foi despertada em muita gente. O empreendimento mais novo e mais arrojado da região é o Maimbá Hotel, bem perto de Meaípe e que, pelo padrão de suas instalações, deve projetar o balneário por todo o país e fora dele. A gerente, Maria Luiza Kfuri, diz que o pacote de carnaval já está praticamente vendido e que a taxa de ocupação — o hotel tem 52 apartamentos — tem sido alta, com turistas de Minas Gerais, São Paulo e Brasília — As diárias, este mês, variam de NCz\$ 1.950,00 (solteiro) a NCz\$ 3.350,00 (casal), com preços promocionais. Já no Gaeta, a diária mais cara é de NCz\$ 5.640,00, passando para NCz\$ 7.900 a partir do próximo dia 1º de fevereiro, o hotel está lotado.

denunciando a situação do rio e pedir providências. “Infelizmente o condomínio onde a gente mora também lança esgotos diretamente no rio. A Prefeitura tem de obrigar os proprietários de imóveis a construírem fossas sépticas e adotar outros tipos de recursos para tratamento do esgoto”, diz Isabelle.

Há quem garanta, como o morador Luiz Borges da Silva, em Meaípe há 45 anos, que os hotéis, pousadas e restaurantes são os principais responsáveis pela poluição. Na casa de José a água proveniente do tanque é lançada diretamente na areia da praia, através de um cano que atravessa a rua. Ele diz que até abaixo-assinado já foi encaminhado à Prefeitura de Guarapari, porque, sem rede de esgotos, a população não sabe o que fazer. Comerciantes como José Carlos Souza dizem que, se não houver providências, em cinco anos Meaípe vai estar com sua qualidade de vida comprometida. “A praia não pode ser contaminada e o contato do rio com suas águas existe. Os turistas não percebem porque as correntes marinhas desviam tudo”, diz ele. Manoel Mattos, do hotel Gaeta, se diz consciente da situação e garante que até contribui financeiramente para despoluir o rio.

Meaípe, onde se pode observar o trabalho delicado e paciente de rendeiras, trabalhando pequenas peças com os bilros numa casa instalada pela Secretaria de Cultura da Prefeitura, em frente à praia — há seis mulheres na confecção dos trabalhos, com preço médio de NCz\$ 200,00 — também vive, pela primeira vez, um outro problema: falta d’água; a gerente do hotel Maimbá, Maria Luiza Kfoury, nega, mas há quem diga que foi justamente a instalação do hotel a causa do desvio da água da Cesan, da região. “Beneficiaram o hotel e esqueceram da população aqui em baixo, diz um morador.

“Deixei de alugar minha casa por NCz\$ 1.000,00 a diária, neste mês, porque lá não está caindo uma gota d’água”, reclama a garçonete Ednéia da Silva Braz. No Village dos Passaros, há quem diga que o desabastecimento causou até passeata e fez muita gente abandonar os apartamentos. Em relação à água, José Carlos Souza reivindica da Prefeitura a abertura de um poço para o abastecimento público. O posto Gaeta possui um, cuja qualidade do líquido atrai muitas pessoas por dia, mas limitou o horário de fornecimento pela manhã. Manoel Mattos diz que o objetivo é atender a todos, racionalizando o produto.